



SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Self e identidade pessoal: hibridização e expansão

Self and personal identity: hybridization and expansion

Self y identidad personal: hibridación y expansión

Léo Peruzzo Júnior¹

orcid.org/0000-0003-3084-5170
leo.junior@pucpr.br

Amanda Luiza Stroparo²

orcid.org/0000-0002-4774-3544
amanda.stroparo@pucpr.edu.br

Recebido em: 30 nov. 2022.

Aprovado em: 11 ago. 2023.

Publicado em: 13 nov. 2023.

Resumo: Este artigo pretende mostrar, a partir de uma leitura das hipóteses da mente estendida de Andy Clark e de sua absorção das consequências funcionalistas, que os conceitos de *self* e identidade pessoal se encontram naturalmente diluídos no corpo e no mundo. Defenderemos, com essas premissas, que o movimento operado pela integração da proposta de Clark com o *self autobiográfico*, de Richard Heersmink, e a *teoria padrão do self*, de Shaun Gallagher, é um movimento de *hibridização*, que dá origem à imagem de um *self ecológico* e multifacetado, assim como de uma noção mais permeável acerca da identidade pessoal. Afinal, enquanto Clark lança luz aos movimentos funcionalistas que estendem a mente e o *self* no mundo, Heersmink enfatiza o papel da auto-narrativa no *design* do *self*, assim como o caráter socialmente estendido do *self* e as relações entre este e a identidade pessoal. Gallagher, por sua vez, reitera a relevância tanto desta dimensão social quanto da concepção de uma tese que expresse essa matização. Mais especificamente, teremos nesse processo a emergência de um *self híbrido*.

Palavras-chave: *Self* híbrido. Identidade pessoal. Mente estendida. Mente socialmente estendida. Andy Clark.

Abstract: This article aims to show, based on a reading of Andy Clark's extended mind hypotheses and his absorption of the functionalist consequences, that the concepts of *self* and personal identity are naturally diluted in the body and in the world. We defend that the movement performed by the integration of Clark's proposal with Richard Heersmink's *autobiographical self* and Shaun Gallagher's *pattern theory of self* is a movement of *hybridization*, which gives rise to the image of an ecological and multifaceted self, as well as a more permeable notion of personal identity. After all, while Clark sheds light on functionalist movements that extend the mind and the self in the world, Heersmink emphasizes the role of self-narrative in the design of the self, as well as the socially extended character of the self and the relationships between it and personal identity. Gallagher, in turn, reiterates the relevance of both this social dimension and the conception of a thesis that expresses this diversified character. More specifically, in this process we will have the emergence of a *hybrid self*.

Keywords: Hybrid self. Personal identity. Extended mind. Socially extended mind. Andy Clark.

Resumen: Este artículo pretende mostrar, a partir de una lectura de las hipótesis de la mente extendida de Andy Clark y su absorción de las consecuencias funcionalistas, que los conceptos de yo e identidad personal se diluyen naturalmente en el cuerpo y en el mundo. Defenderemos con estas premisas que el movimiento operado por la integración de la propuesta de Clark con el *self* autobiográfico de Richard Heersmink y la teoría estándar del *self* de Shaun Gallagher es un movimiento de hibridación, que da lugar a la imagen de un *self* ecológico y multifacético, así como de una noción más permeable de la identidad personal. Después de todo, mientras que Clark arroja luz sobre los movimientos funcionalistas que extienden la mente y el yo en el mundo, Heersmink enfatiza el papel de la narrativa del yo en el diseño del yo, así como el carácter socialmente extendido del yo y las relaciones entre ellos y la identidad personal. Gallagher,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná; FAE Centro Universitário, Curitiba, Paraná, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

a su vez, reitera la relevancia tanto de esta dimensión social como de la concepción de una tesis que exprese este matiz. Más específicamente, en este proceso tendremos el surgimiento de un *yo híbrido* (*hybrid self*).

Palabras clave: Self híbrido. Identidad personal. Mente extendida. Mente socialmente extendida. Andy Clark.

Introdução

Um dos temas ontoepistemológicos mais perturbadores nos retratos da história da filosofia, particularmente ligados à dúvida cartesiana, é o tratamento dispensado ao conceito de *self* e, conseqüentemente, à ideia de identidade pessoal (Peruzzo Júnior; Candiotti; Karasinski, 2023). O problema se manifesta na medida em que conservamos a impressão de que o nosso *self* permanece o mesmo enquanto nossa existência prossegue em contínuas mudanças. Por isso, o senso de vigília e consciência, embora estreitamente relacionados, parecem não ser suficientes para proporcionar uma narrativa absoluta do senso de aparente permanência em nossa vida. Martin e Barresi (2002, p. ix) afirmam, então, que no centro de nossos tempos está o surgimento de duas perguntas, onde antes, ao que parecia, havia apenas uma: a pergunta tradicional "quais são as condições necessárias e suficientes para a identidade pessoal ao longo do tempo?" desdobra-se em uma nova pergunta: "o que importa fundamentalmente em uma pessoa aparentemente interessada em sobreviver?".

Assim, os desenvolvimentos mais recentes nas teorias analíticas da identidade pessoal têm substituído a ideia de que o que determina se uma pessoa é idêntica em momentos diferentes seja apenas como física e/ou psicologicamente estão relacionados entre si. De acordo com as visões extrínsecas mais recentes, como ainda observam Martin e Barresi (2002, p. 154),

[...] o que determina se uma pessoa em momentos diferentes é idêntica não é apenas como os dois estão física e/ou psicologicamente relacionados um com o outro, mas também como eles se relacionam com os outros.

É exatamente dentro de tal ambiente que o primeiro passo para se compreender a guinada realizada pela *cognição estendida* (*extended mind*)

ao problema em questão, conforme apontam Clark e Chalmers (1998), é repensar o papel que o ambiente externo ao aparato biológico exerce sobre ele e, conseqüentemente, o impacto sobre a *lacuna explanatória* (*explanatory gap*) e a visão de uma mente socialmente distribuída.

Se não é suficiente afirmar que a identidade pessoal diz respeito às condições sob as quais uma pessoa em um momento é a mesma em outro momento, por que os fenômenos mentais parecem ser qualitativamente diferentes daqueles do corpo físico sobre o qual eles parecem existir e depender? Peter Strawson, em um famoso ensaio intitulado *Self, Mind and Body*, publicado na obra *Freedom and Resentment and Other Essays*, ilustra a metáfora cartesiana da identidade pessoal do seguinte modo: podemos e devemos atribuir a um mesmo indivíduo coisas tão variadas como ações, intenções, sensações, pensamentos, sentimentos, percepções, memórias, características ou habilidades corporais, traços de caráter e assim por diante. Um indivíduo, diz ele, reúne tipicamente todos esses predicados. Entretanto, um dualista cartesiano, afirma ele, sustentará que essa maneira de falar das pessoas, embora conveniente para fins práticos, tende a disfarçar a natureza real de um indivíduo, a saber, que alguns dos predicados anteriores se referem diretamente aos estados de consciência, enquanto outros, à sua condição corporal (Strawson, 2008). O núcleo da metáfora cartesiana se sustenta, então, na afirmação de que "não é suficiente reconhecer que uma pessoa tem dois lados em sua natureza e sua história [...], pois realmente a história de um ser humano não é a história de uma coisa de dois lados, é a história de duas coisas de um lado" (Strawson, 2008, p. 187).

Em outras palavras, a posição cartesiana acredita que nenhum dos predicados que se aplicam adequadamente aos corpos se aplicam do mesmo modo às mentes e, ao contrário, nenhum dos predicados que se aplicam à consciência podem ser aplicados aos corpos. Strawson indica, então, que o argumento cartesiano não apenas problematiza o fato de que tais partes estejam ao longo da vida particularmente ligados, mas

que a sua intimidade ou união não conta ou diminui a independência essencial de sua natureza (O'Hear, 1998). Obviamente, o argumento cartesiano torna-se ainda mais denso quando ele se movimenta em direção à ideia de identidade pessoal, uma vez que não é suficiente para ele apelar ao fato de que falamos de forma inteligível sobre a mente para provar sua existência. Aqui a refutação anticartesiana, então, não é apenas contra a tese de que não existem coisas como mentes, mas que o próprio conceito só deve ser entendido como logicamente derivado do conceito de um indivíduo. Caberia ao cartesiano, conclui Strawson (2008, p. 190), mostrar que podemos entender perfeitamente a ideia da mente de um indivíduo sem torná-la dependente de uma pessoa individual: "Portanto, é um constrangimento *prima facie* para o cartesiano que quando normalmente falamos sobre a mente das pessoas ou consciências, fazemos isso nos referindo às pessoas cujas mentes ou consciências são elas". Assim, a consequência deste problema parece culminar com a dificuldade central à proposta de uma identidade pessoal:

Se vamos falar coerentemente sobre consciências ou mentes individuais, ou sobre itens individuais de qualquer tipo, há pelo menos uma coisa que devemos saber. Nós devemos saber a diferença entre um desses itens e dois desses itens. Nós devemos saber, isto é, em que princípio tais itens devem ser contados. E isso significa mais – se eles devem ser itens capazes de perdurar por um período de tempo –, que devemos saber como identificar o mesmo item em momentos diferentes. Em geral não temos ideia do que é fulano de tal, a menos que tenhamos alguma ideia do que fulano de tal é. Se não temos ideia de como as noções de identidade numérica e diferença se aplicam às consciências individuais, então realmente não temos conceito claro em todos esses itens (Strawson, 2008, p. 191).

Sem um conceito metafísico e nebuloso de identidade, a posição cartesiana não é capaz de avançar em seus argumentos para identificar a consciência de uma pessoa. Ela simplesmente se concentra na individualidade das experiências qualitativas e ignora que a maioria das conclusões é derivada de uma intensa concentração introspectiva, na qual o uso de pronomes pes-

soais comuns e possessivos como "eu" e "meu" são utilizados para fins de referência pessoal. Por isso, tendo o conceito de identidade de uma pessoa mudado ao longo do tempo, quem seria responsável por determiná-la, uma vez que ela poderia não estar integrada ao corpo de alguém? Strawson refuta a ideia de "eu puro", pois há tipos de experiências que são sempre referidos à pessoa, e não aos seus estados de consciência ou características corpóreas. Aquilo que costumamos tratar como dados da mente ou dados corpóreos, então, são atribuições tanto aos estados de consciência quanto aos predicados corporais (Strawson, 1996).

Enquanto Strawson solidifica o argumento de que a capacidade de atribuir predicados a outros indivíduos é condição necessária para que alguém possa atribuí-los a si mesmo, Damásio (2015, p. 27) afirma, por outro lado, que "se a 'autoconsciência' for considerada 'consciência como um sentido de *self*', então toda a consciência humana é necessariamente abrangida por esse termo – não existe nenhum outro tipo de consciência". Isso porque, segundo ele,

[...] as raízes profundas do *self* [...] encontram-se no conjunto de mecanismos cerebrais que de modo contínuo e *inconsciente* mantêm o estado corporal dentro dos limites estreitos e na relativa estabilidade requeridos para a sobrevivência" (Damásio, 2015, p. 30).

Segundo Damásio, a impressão da identidade pessoal é derivada dos elementos essenciais de nossa autobiografia que são permanentemente ativados. A ativação coordenada dessa rede de múltiplos sítios, isto é, experiências entre as várias zonas de convergência que se localizam nos córtices temporais e frontais, ativam e exibem coordenadas de memórias pessoais. Em outras palavras, o *self*, para o autor, são os registros na memória autobiográfica, que contém as memórias que constituem a identidade, as quais dependem das interações únicas que o organismo vivo realiza com um meio específico (aspectos físicos, humanos e culturais).

Em qualquer momento de nossa vida desperta e consciente um conjunto consistente de re-

gistros de identidade está sendo explicitado de modo a formar um pano de fundo para nossa mente, e ele logo pode ser trazido para o primeiro plano caso surja a necessidade. Em certas circunstâncias, a gama de registros ativados por ser ampliada para incluir um panorama mais abrangente de nossa história pessoal e de nosso futuro antevisto. [...] O self autobiográfico que neste momento exibimos em nossa mente é o produto final não só de nossas inclinações inatas e experiências de vida, mas também do reprocessamento de memórias dessas experiências, sob a influência de tais fatores (Damásio, 2015, p. 182-183).

Não é suficiente explicar a função do *self* autobiográfico sem, entretanto, mostrar o papel do corpo físico e do ambiente local na promoção do sucesso adaptativo de nossas mentes. Ocorre que, conforme indicará Clark (1998, p. 35), há uma tendência inconfundível nas Ciências Cognitivas de marginalizar o corpo e o mundo, ou seja, "insistir na complexidade interna enquanto simplificava ou ignorava as complexas interações interno-externo que caracterizam a maior parte da resolução dos problemas biológicos básicos".

Argumentamos, então, que a tendência pós-cartesiana a respeito do *self* e da identidade pessoal não são convincentes ao ignorar o papel do corpo e do ambiente. Para tanto, mostraremos como uma visão socialmente estendida da mente é capaz de dissolver os problemas representacionistas e reconfigurar um modelo explicativo na relação entre a capacidade preditiva e a dinâmica dos processos tradicionalmente compreendidos como internos. Esse argumento, por sua vez, torna-se fundamental para analisar a coerência do princípio de paridade e a possibilidade de que os processos cognitivos possam ser substituídos por outras propriedades cognitivas semelhantes, uma vez que tais processos podem ser estendidos para fora do corpo.

Estendendo a mente no mundo

A proposta da mente estendida, formulada inicialmente por Clark e Chalmers (1998), desafia a perspectiva dualista, conforme afirmado, justamente por sugerir a conclusão aparentemente radical de que somos uma complexa mistura de nosso corpo, do meio e de todas as interações

empreendidas. Não se trata de uma tese que situa o ser humano meramente como produto final dessas variáveis, ou cujo pensamento seria um todo diferente de suas partes. Trata-se, na verdade, de uma tese que afirma que nossos processos cognitivos são *constituídos* por processos tanto derivados do próprio corpo quanto derivados do ambiente e de suas interações. É neste ponto, precisamente, que reside a provocação dessa teoria. Para desenhar uma perspectiva estendida do *self*, portanto, vamos antes compreender alguns de seus principais pressupostos.

As argumentações iniciais de Clark (2003, 2008) giraram em torno, especialmente, do argumento acerca do *princípio de paridade* (*parity principle*), segundo o qual, a marca do cognitivo não seria os limites tradicionais anteriormente postulados entre o interior do crânio e o seu exterior, mas, sim, "a organização funcional e computacional do todo de solução de problemas" (Clark, 2008, p. 77). Afinal, os processos do ambiente que são incluídos na rotina cognitiva de um sujeito são processos *ativos* no desenrolar das ações e, ainda, nas diversas formas com as quais o sujeito realiza alterações no próprio ambiente de modo a transformar e/ou aprimorar suas próprias rotinas cognitivas:

Importa que reconheçamos até que ponto o pensamento e a razão humana individual não são atividades que ocorrem apenas no cérebro ou mesmo apenas dentro da bolsa de pele organismica. Isso é importante porque mostra o grau em que a engenharia ambiental também é autoengenharia. Ao construir nossos mundos físico e social, construímos (ou melhor, reconfiguramos massivamente) nossas mentes e nossas capacidades de pensamento e razão (Clark, 2008, p. xxviii).

O princípio de paridade afirma, nesse sentido, que, se um processo de uma determinada rotina cognitiva residisse na cabeça, não seria pertinente desconsiderá-lo como parte da rotina cognitiva como um todo (Clark; Chalmers, 1998). Contudo, Clark (2008) nos esclarece que não se trata de uma afirmação que recorre a similaridades entre processos supostamente derivados do cérebro e processos derivados das interações com o meio. É, ao contrário, um argumento que recor-

re ao *papel* que aquele processo desempenha no todo da solução de problemas em análise (Stroparo, 2023).

Em suas obras e artigos mais recentes, porém, Clark adiciona a essa equação algumas argumentações de que a mente seria, além de estendida, preditiva. Os sistemas de processamento preditivos passam a se tornar base para a sua proposta. Segundo o autor (Clark, 2016, p. 260), tais sistemas oferecem "uma proposta específica e altamente compatível com extensões". A necessidade e o diferencial deste complemento se localizam justamente na contribuição desses sistemas em especificar como o sistema neural seria implementado de modo a resultar na mente estendida que conhecemos.

Em síntese, seres humanos seriam sistemas voltados para a ação, cujo sistema neural seria programado para selecionar as ações e rotinas que mais oferecem precisão em termos de minimização de erros e incertezas nas interações com o mundo e com outros organismos, sendo suas próprias ações tanto moldadas a partir de tais interações quanto aprimoradas de modo a otimizar suas rotinas. Além disso, tal sistema seria oportunista, isto é, contaria com o ambiente, com o mundo, como "o melhor modelo de si mesmo". Nesse processo, em outras palavras, o organismo incorpora elementos aparentemente externos, passando a ser um complexo conjunto estendido de processos voltados a solucionar problemas e minimizar erros. Um organismo que tem "estratégias de mínima memória interna cujas condições de sucesso requerem tanto a ação organismica quanto a cooperação do ambiente externo" (Clark, 2008, p. 260).

Nesse sentido, é possível inferir que tais premissas se opõem à mencionada posição cartesiana que diferencia aquilo que pode ser aplicado à mente do que pode ser aplicado ao corpo. Se admitimos que o ser humano, e até mesmo o *self*, como veremos, é esse conjunto de solução de problemas – conjunto esse constituído por amalgamas entre processos aparentemente "mentais", corpo e mundo –, então o que é atribuído ao ser não é passível de uma fragmentação entre

mente e corpo tal como o argumento cartesiano postulava.

Trata-se, vale mencionar, de uma proposta da denominada "terceira onda da mente estendida". Kirchoff e Kiverstein (2019, p. 16) esclarecem que estas são um conjunto de teses que atribuem à mente uma "singularidade dinâmica", sem "propriedade fixas", de "limites flexíveis e abertos", de "montagem distribuída" (neural, corporal, ambiental) e "constituição diacrônica", ou seja, que se desdobra ao longo do tempo "a partir de diferentes escalas de comportamento". Gallagher (2018), também situando a tese da mente preditiva como representante da terceira onda, explica que a proposta do processamento preditivo é uma tentativa de "integrar" toda a série de diferentes elementos que podemos relacionar à mente (todos os objetos, tecnologias, processos e interações que podem constituir a mente) em um "modelo explicativo unificado". É precisamente nesse ponto que os estudos aqui abordados unificam mente estendida e mente preditiva.

A partir da sumarização desses aspectos centrais, pode ainda parecer obscuro, no entanto, compreender de que maneira tal perspectiva pode comportar fenômenos cognitivos complexos, tais como o pensamento abstrato, a criatividade, aquilo que denominamos de arte, as experiências de primeira pessoa (*qualia*), ou mesmo o *self* e o senso de identidade pessoal. A estratégia metodológica desta leitura para dissolver as questões anteriores é preservar, pelo menos inicialmente, uma visão conservadora de que apenas estendemos para fora os processos cognitivos que poderiam ser executados na cabeça, o que favoreceria, portanto, a existência de processos intracranianos.

Self ecológico: derivações da mente estendida

Até aqui, mostramos como a tese da mente estendida, por um lado, procura atacar o problema representacionista e, por outro, como o corpo e a ação são elementos intrínsecos aos processos cognitivos. Por isso, uma primeira consequência é que a noção geral de *self* precisa incluir também

a questão da identidade pessoal, bem como o "senso de ser", a perspectiva de primeira pessoa, o senso de agência (controlar a si mesmo), o senso de espacialidade (os limites do próprio corpo e do espaço) e o denominado "*self* narrativo". Este último, conforme mencionado anteriormente, é agora definido como "uma compreensão, co-construída por mim e pelos outros, do tipo de pessoa que sou, dos tipos de projetos e interesses que tenho, da forma da minha vida até agora e assim por diante" (Clark, 2007, p. 104).

Tendo isso em mente, é importante notar que o funcionalismo embutido no princípio de paridade advoga contrariamente ao argumento de que os processos intracranianos possam servir de base para possíveis extensões, e isso, conseqüentemente, obriga-nos a abandonar o perfil interno dos estados e do próprio *self*. Isso mostra, por exemplo, que, ao extrairmos as próprias extensões do *self*, anula-se também qualquer tipo de representação interna.

Nesse horizonte de hipóteses está, portanto, a proposta do externalismo ativo: as interações relevantes do indivíduo com o ambiente sempre são comportamentos dirigidos por intenções. Na teoria da mente estendida, a função desses comportamentos é aumentar a disseminação do crédito epistêmico, isto é, alterar partes do mundo para auxiliar e aumentar os processos cognitivos. Isso significa dizer, em outras palavras, que, se os processos cognitivos ocorrem graças a uma parte do mundo que funciona como um processo, então essa parte do mundo é parte do próprio processo cognitivo. Mas, se as características externas representam um papel crucial e não estão penduradas na outra extremidade de uma longa cadeia causal, por que o *self* também deveria estar pulverizado na totalidade desse circuito?

Antes de argumentar extensivamente sobre os sistemas de processamento preditivo, Clark (2007) propôs uma concepção de *self* que se baseava, sobretudo, na premissa de que seres humanos são "sistemas de controle ecológico abertos", isto é, buscam oportunidades tanto no corpo quanto no ambiente, construindo conjuntos temporários de solução de problemas a partir

da integração dos elementos disponíveis nessas fontes (novamente conduzindo à noção de mente estendida). O *self* seria, neste caso, todo esse "maquinário cognitivo", o "conjunto maior de solução de problemas", conforme podemos constatar na seguinte passagem:

Esses conjuntos maiores de resolução de problemas, eu gostaria de argumentar, não são simplesmente casulos estendidos para os *selves* 'reais', escolhendo agentes e mecanismos cognitivos escondidos em seu interior. Em vez disso (ou assim gostaria de sugerir), eles *são* esses *selves*, agentes e motores cognitivos (Clark, 2007, p. 104, grifo do autor).

Dito de outro modo, esse maquinário cognitivo como um todo (o conjunto composto por ambiente, corpo, cérebro e todas as interações e processos envolvidos) é responsável pelo que chamamos vulgarmente de *self*, posto que ele "estrutura e informa nosso senso de quem somos, do que sabemos e do que podemos fazer" (Clark, 2007, p. 106). Um ponto nevrálgico, nesse sentido, é de que a presente perspectiva estende o *self* justamente por não a reduzir ao pensamento consciente. Não seríamos, em termos de *selves*, meramente a somatória de estados conscientes. Quando temos aquilo que chamamos comumente de "*insight*", por exemplo, não atribuímos a posse da ideia a algum outro agente ou a processos "externos", somente por não ter sido um raciocínio acompanhado por atenção reflexiva em cada etapa. Se optássemos por essa redução, inclusive, tornar-se-ia mais desafiador ainda explicar o senso de continuidade do *self*, isto é, porque sentimos que somos os mesmos durante toda a vida, por exemplo.

A imagem que temos como resultado a partir de tais premissas é a imagem de um "*self* biotecnologicamente híbrido", conforme aponta Clark (2007). Ainda que tenhamos à nossa disposição e, portanto, em nossa constituição, uma diversidade cujos limites e possibilidades são ilimitados, nossos *selves* seriam sempre o "efeito cumulativo" dos vários recursos que compõem aquele "conjunto de solução de problemas". Assim, aquilo que tomamos como *self*, ou seja, "o usuário", "é o que vemos (nos outros e em nós mesmos) quando

tudo isso está funcionando devidamente: um ser mais ou menos racional buscando um conjunto mais ou menos unificado de objetivos e projetos" (Clark, 2007, p. 112). Temos como resultado, portanto, uma perspectiva que estende não somente a noção de mente, mas também de *self* para além daquela tradicionalmente concebida, conforme discutiremos anteriormente, por meio tanto da dissolução da concepção de *self* como um centro de controle, ou como um usuário central, quanto da ampliação do que compreendemos como constituição do *self*.

Nosso senso de unidade, elucida Clark (2007), surge simultaneamente, por um lado, como uma espécie de alucinação que nos confere um sentimento de coesão para além da realidade concreta e, por outro, como um senso cuja construção é derivada do desenvolvimento do senso de limite do corpo, da espacialidade e da agência, a partir dos quais, após atingir certo nível de estabilidade, o organismo passa a trabalhar para proteger a si mesmo. Nossa tendência em narrar a própria história e ações, ou nosso "impulso narrativo", por sua vez, emerge tanto como uma ferramenta para a agência e para o mencionado senso de unidade, quanto como mais um fator que colabora para nutrir a imagem ilusória de um "usuário central".

Trata-se, segundo Ismael (2007), autor a partir do qual Clark (2007) também fundamenta seus argumentos, de um organismo capaz de produzir um "automodelo" (*self-model*), que se torna, por conseguinte, um "princípio ativo" na organização do sistema como um geral. E é exatamente esse automodelo que pode nos induzir ao pensamento dualista: "o auto-retrato interno da mente cria o espaço para o pensamento reflexivo. É aqui que surgem os enigmas que nos levam ao dualismo" (Ismael, 2007, p. 8). Vale pontuar que Clark (2007) defenderá que não se trata de um único automodelo, mas, sim, de "modelos parciais múltiplos", alguns atuando em categorizações e outros atuando mais na agência, por exemplo. No entanto, permanece vigente, em ambos os casos, o argumento de que o sistema teria a capacidade de elaborar uma narrativa sobre si mesmo (seja via um único automodelo, seja por meio de mo-

delos múltiplos) e que isso desemboca tanto na "auto-organização" quanto na "autogovernança".

Considerando a extensão dos argumentos de Clark, portanto, parece ser inevitável sustentar uma postura que preserve as representações da vida interna e coloque o corpo como um véu do *self*. Por isso, o *self* manifesto que emerge, uma história contada em primeira pessoa, é apenas o movimento funcional realizado pela forma como o cérebro, o corpo e o ambiente foram sendo acoplados evolutivamente. Obviamente, essa imagem reposiciona outras dimensões do que tradicionalmente se tem denominado de "marca do cognitivo", entre os quais estão a produção da consciência central e até mesmo o papel das emoções (Peruzzo Júnior, 2019). A história encerrada pela ausência de um *self* central não precisa ser contada por um homúnculo esperto, pois à medida que nossa compreensão biológica do cérebro humano aumenta, mais razões aparecem para que o *self* seja tomado apenas como o desenho autobiográfico que aparece em organismos dotados de capacidade substancial de memória e raciocínio.

Selves naturalmente diluídos

A tese de que os *selves* sejam naturalmente diluídos tem consequências importantes para outras áreas da Filosofia, especialmente da Epistemologia, assim como da Ciência Cognitiva. Assim, a questão de saber se os processos cognitivos ou estados, como a crença, podem ser realizados em locais além dos limites do corpo ou do cérebro parece não afetar o fato de que o conhecimento requer a condição de verdade, uma vez que não importa se a crença de alguém se estende ou não para além de tais limites. Neste caso, se S sabe que P somente se P for verdadeiro, então não importa saber se a crença de S se estende para além dos limites do corpo ou do cérebro. Obviamente, isso ainda mostra que saber se uma crença deve estar no corpo ou nos processos cognitivos continua sendo uma questão metafísica profunda, embora tenha pouca relevância para a questão do conhecimento (Adams, 2012).

A leitura crítica anterior, porém, não afasta a

hipótese de que o direcionamento do *self* e, portanto, das crenças deva ser capaz de ocorrer em um sujeito do conhecimento ou em um mundo logicamente possível. Sendo assim, que *selves* estendidos, preditivos e ecológicos seriam esses se, por exemplo, um *self* estendido derivasse diretamente da mente estendida? Ou, ainda, seria um *self* preditivo derivado de uma mente preditiva e deveria ser ele concebido a partir da correlação com sistemas de processamento preditivo?

Primeiramente, a concepção de que *selves* constituem-se tanto dos aparatos neurológicos e biológicos quanto de artefatos do ambiente e até de outras pessoas não é exatamente nova. Heersmink (2020) nos recorda que William James argumentava sobre essa constituição ao discorrer sobre o que chamava de "*self* empírico". Essa constituição se tornaria explícita pela simples observação de que as pessoas agem e sentem as coisas sobre si mesmas de forma muito similar a como agem e sentem em relação a coisas externas, que denominam como "suas", e a outras pessoas.

É nessa via, como vimos, que as teses da mente estendida se direcionam. Com algumas variações, em geral, os estudiosos concordam que "o *self* não é um fenômeno meramente neurológico e biológico, mas deve ser conceitualizado como uma entidade relacional, estendida e distribuída" (Heersmink, 2020, p. 2). Para nos aprofundarmos ainda mais no que denominamos de *self* estendido devemos, no entanto, passar por algumas diferenciações. Clark (2007), em sua defesa do *self* de controle ecológico, menciona todos os elementos elencados anteriormente (senso de ser, senso de agência, senso de espacialidade, identidade pessoal e *self* narrativo). Heersmink (2020), no entanto, argumenta que é necessário estabelecer alguns limites entre esses diferentes conceitos, uma vez que pesquisadores distintos defendem distintas concepções de *self* estendido, cujas definições relacionadas desempenham importantes papéis.

De modo geral, podemos identificar quatro constructos fundamentais: *self* mínimo, identidade pessoal, "pessoalidade" (*personhood*) e

self narrativo. O primeiro, *self* mínimo, refere-se ao mínimo senso possível de ser detentor da experiência e ao senso de ser autor das ações, sem estar, porém, consciente ou "saber" de tais aspectos (Gallagher, 2000). O segundo, conforme discorrido anteriormente, é o senso de que uma pessoa continua sendo a mesma ao longo do tempo, o que significa que buscar entendê-la é investigar o que possibilita e determina essa identificação temporal (Heersmink, 2020).

A "pessoalidade", por sua vez, faz menção à capacidade de compreender-se como pessoa, o que demanda consciência e um desenvolvimento cognitivo, pois se trata da capacidade de se associar a uma categoria. Já o *self* narrativo é a história que a pessoa constrói e conta sobre si mesma, formada por memórias autobiográficas, composta por elementos subjetivos, afetivos e pessoais. Segundo Heersmink (2020, p. 3), estes últimos podem ser diferenciados da seguinte forma: "a noção de pessoa proporciona uma descrição para 'o que eu sou', enquanto a noção de *self* narrativo proporciona uma descrição de 'quem eu sou'".

Desta forma, se argumentamos que o *self* se estende pelo mundo, de qual *self* estamos falando? Antes de mais nada, vale mencionar que o argumento da mente estendida não é um argumento estritamente teórico. Estudos em Neurociências, como aqueles de Asada (2018) e de Maravita e Iriki (2004), abordam a flexibilidade do denominado esquema corporal (o esquema sobre a espacialidade e localização do corpo). Ora, se o mínimo que podemos versar sobre *self* se refere ao senso de ter a experiência e ao senso de agência, como aduziu Gallagher (2020) sobre o *self* mínimo, e, se a nossa ação é corporificada e nosso esquema corporal é flexível e incorporado, então nosso *self* será igualmente corporificado e flexível, a partir de seu senso de experiência e agência, isto é, de sua ação no mundo. Heersmink (2020) esclarece, em outras palavras, que, se a utilização de ferramentas e artefatos diversos transformam fundamentalmente o nosso senso de espacialidade (tanto o senso pessoal, que se refere ao espaço e limites de nosso corpo,

quanto do entorno imediato ao nosso corpo, que é denominado como “espaço peripessoal”), e esse senso está implicado no senso de agência e de ser “detentor” da experiência, conforme mencionamos anteriormente, então nosso *self* também se estenderá.

Nesse sentido, Heersmink (2020, p. 4) relaciona a premissa de Daniel Dennett, segundo a qual “o controle intencional” tem “lugar central na demarcação do *self*”, à obra de Clark (2003, p. 131), que ressalta como tudo aquilo que “experimentamos como estando sob nosso controle direto” é diretamente conectado à noção de *self*. É este ponto que conduz Clark (2003, p. 131) à conclusão de que

[...] a noção mais básica do *self*, neste modelo, é simplesmente o sentido plástico e múltiplamente negociável que temos de nossa própria presença física no mundo. Esse sentido é determinado por nossas experiências de controle direto – experiências que fornecem os tipos de correlação estatística entre sinais motores e *feedback* sensorial. [...] suficientes para causar mudanças rápidas em nosso senso de nossa própria corporeidade.

Logo, para Clark, vemos emergir a imagem de um *self* ecológico que parece ser uma espécie de automodelo que se constitui por meio da reunião entre tais experiências de controle direto, senso de agência, a narrativa de si mesmo e, inclusive, conforme Clark e Chalmers (1998), por “crenças disposicionais”, tal como visualizamos no exemplo de Otto com as informações disponíveis em seu *notebook*. Otto confia nesta fonte de informações que ele mesmo alimenta e, por meio de uma utilização que se torna transparente (isto é, fluida e inconsciente), tais informações passam a ser parte constitutiva de sua mente e de seu *self*. Segundo Heersmink (2020), então, a inserção de crenças disposicionais confere a este *self* o estatuto de um “*self* cognitivo”.

As possíveis definições e teorias acerca do *self* são, de fato, tão diversas que é possível visualizarmos uma série infindável de termos e propostas. Gallagher (2013) menciona, por exemplo, que diferentes enfoques geram nomenclaturas diferentes: *self* ecológico, *self* neural, *self* social, *self* privado, *self* estendido e *self* narrativo são

algumas delas. O autor também defende que, para construirmos uma teoria do *self* que não se desenvolva e avance com base em reducionismos, precisamos contemplar as variadas facetas que o acompanham.

Selves híbridos: a imagem de selves multifacetados

Recorremos, então, na tentativa de abarcar diferentes ângulos a partir da pesquisa em relação à mente estendida, ao que Heersmink (2017, 2018) define como “*self* distribuído”, “*self* narrativo” e “*self* suave”. Se concebermos que o ser humano é dotado de uma “identidade prática”, estaremos reconhecendo que a identidade de uma pessoa, de maneira geral (sincrônica), está fortemente pautada nas habilidades e aptidões que ela tem. Uma pessoa com habilidades de comunicação, por exemplo, poderá decidir pela profissão de jornalista e assim por diante. Ainda, tais habilidades e aptidões contariam sempre com elementos e recursos externos para se realizarem, inclusive outras pessoas e instituições sociais, o que confere à tese de Heersmink (2017) o mencionado adjetivo de “distribuída”, bem como de “estendida”.

Já de uma perspectiva diacrônica, ou seja, daquilo que confere a alguém a sensação de continuidade ao longo do tempo, seria inviável não recorrer à memória autobiográfica, conforme mencionamos anteriormente, e, portanto, visualizar a noção de “*self* narrativo”. Sendo assim, retomando a perspectiva do organismo humano como um organismo “oportunista”, nas palavras de Clark (2003), e explicações de Schechtman (1994) acerca da “estratégia cognitiva” do ser humano para organizar memórias em uma narrativa sobre si mesmo, temos como resultado o *self* distribuído, estendido e narrativo de Heersmink (2017).

O que Schechtman (1994) esclarece é que nossa memória biológica não apresenta a função de conectar diferentes estados de consciência temporais entre si, o que demanda a mencionada estratégia cognitiva de entrar em cena. Outro ponto é que nosso organismo não tem

condição de armazenar memórias exatas dos diversos eventos e situações, o que envolveria uma quantidade imensurável de armazenamento. Tal estratégia se refere, portanto, à seleção de dados específicos que representem o evento e que se organizem em uma linha do tempo, conferindo, enfim, o senso de continuidade do ser humano, sendo que tais elementos conferem a ele, igualmente, o senso de identidade pessoal (Schechtman, 1994).

Isto é, se não há como conceber um *self* sem a memória autobiográfica, também não há como conceber tal memória sem tal estratégia cognitiva executada. Neste ponto, Heersmink (2017) salienta que os mencionados recursos externos compõem tanto as memórias em si, quanto o próprio processo de revisitá-las. A utilização de fotografias, vídeos, objetos de recordação, heranças e diálogos entre pessoas seriam exemplos desse processo. Logo, se nossa construção de um *self* narrativo está permeado de infindáveis elementos externos ao crânio, então parece ser razoável acreditar que ele também deva ser distribuído e estendido.

Schechtman (2014) e Heersmink (2017) apresentam ainda mais um ponto em comum: a consideração de que o papel de seres humanos do entorno e, portanto, também de instituições sociais é relevante na formação de identidade. Ilustração disso seria o quanto o reconhecimento da própria identidade por outras pessoas e o quanto a narrativa de outras pessoas sobre nós são processos importantes para a construção e manutenção da identidade pessoal (Schechtman, 2014).

Schechtman (2014, p. 100) explica, ainda, que “em uma narrativa, as partes existem na forma que existem apenas como abstrações do todo e, portanto, o todo é, em um sentido importante, anterior às partes”. Fazem parte desse todo tanto o passado, quanto o presente e o futuro, de modo que as ações que estamos realizando no presente são permeadas pelas perspectivas de futuro que elas implicam, por exemplo. Tais formulações, vale dizer, também coadunam com os trabalhos recentes em torno da mente preditiva, conforme

mencionamos anteriormente. Afinal, a segunda postula justamente que nossa ação no mundo é constantemente permeada e direcionada por predições, o que estaria, inclusive, na base de transtornos mentais como ansiedade e depressão (Miller *et al.*, 2020).

Por meio desses exemplos, é possível perceber que, de fato, a mente estendida é uma tese com o potencial de abarcar uma amplitude significativa de soluções. Afinal, não poderíamos versar sobre ela sem considerar que o meio no qual a mente se estende é um meio fundamentalmente social, repleto de diversos tipos de interações, normas e condutas, que perpassam as inúmeras estratégias cognitivas, objetos e tecnologias presentes. Quando Clark (2003) defende que somos “ciborgues natos”, pois nos acoplamos oportunisticamente aos mais variados artefatos que nos rodeiam, o mesmo vale para outros seres humanos e organismos.

Nesse sentido, Schechtman (2014, p. 115) faz uma organização pormenorizada dos aspectos circundantes que compõem a vida humana e que apresentam tal papel constitutivo na narrativa que dá origem à identidade pessoal: “agora temos uma visão geral dos três elementos que compõem a vida de uma pessoa – capacidades individuais, atividades e interações típicas e infraestrutura social”. Nenhum desses elementos é capaz de ser desenvolvido sem a contribuição de todos os elementos, incluindo a si mesmo, gerando uma espécie de lógica dúbia sobre qual teria se originado primeiro, tal como o ovo e a galinha. É fato, porém, que tais infraestruturas culturais existem em larga escala.

Novamente, o caráter multifacetado e estendido do *self* se faz presente, uma vez que, se recorrermos às contribuições de Clark (1997) acerca dessa questão, encontraremos sua proposta que concede à linguagem um papel basilar. No mangue, sementes iniciam seu desenvolvimento abaixo d'água, gerando depósito de terra ao seu redor, de modo que se tornam árvores que prosperam à medida que formam, simultaneamente, pequenas ilhas de terra ao seu redor. A linguagem, de modo análogo, é desenvolvida,

ampliada e aperfeiçoada à medida que sons e gestos se reúnem e são associados a significados. O desenrolar desenfreado desse processo resultaria, então, na capacidade de pensar sobre o próprio pensamento e de formas mais complexas de simbolização.

Esse "pensar sobre o pensamento" é um bom candidato para uma capacidade distintamente humana. [...] Linguagem pública e o ensaio interno de sentenças atuariam, nesse modelo, como as raízes aéreas da árvore de mangue – as palavras serviriam como pontos fixos capazes de atrair e posicionar matéria intelectual adicional, criando as ilhas de pensamento de segunda ordem tão características da paisagem cognitiva do *Homo sapiens* (Clark, 1997, p. 209).

É por essa razão, e a partir de linguagem, que Clark (2003, p. 197) enfatiza o quanto seres humanos "beneficiam-se e então reconstróem uma infinita sucessão de ambientes projetados". A linguagem torna-se, então, o "artefato supremo" (*ultimate artifact*), posto que teria permitido o desenvolvimento e aperfeiçoamento de uma série de processos, como a própria cultura, ferramentas e tecnologias.

Da mesma maneira que visualizamos emergir aqui um *self* socialmente estendido e/ou distribuído, podemos inferir que se trata também de um *self* culturalmente estendido. Em investigações acerca das relações entre "identidade cultural", memórias coletivas e artefatos, como recorda Heersmink (2021a), as experiências do ser humano, bem como as atividades que ele realiza, compõem tanto os conteúdos de memórias propriamente ditas quanto sua narrativa. Ainda, tais experiências e atividades seriam modeladas pelos "grupos culturais" dos quais tal agente participa. Nesses processos, a pessoa está atuando sobre sua própria narrativa e, portanto, também sobre sua identidade pessoal. Logo, "por essa razão, identidade pessoal não é nem definida por estados psicológicos realizados pelo cérebro, nem por estados biológicos realizados pelo organismo, mas deve ser vista como um constructo distribuído e relacional" (Heersmink, 2018, p. 1847).

Gallagher (2013), por sua vez, estabelece uma

crítica à tese original da mente estendida de Clark e Chalmers (1998), argumentando que a mente não é estendida em uma perspectiva meramente "funcionalista", sendo, na verdade, *socialmente estendida*, para muito além de exemplos de relações funcionais como o *notebook* de Otto. Segundo Gallagher (2013a), o argumento do princípio de paridade seria insuficiente para contemplar a ação do ser humano no mundo, revelando que a hibridização dos *selves* é uma questão intrínseca ao próprio desenvolvimento da história humana.

Assim, a fundamentação ideal estaria na concepção enativa dos recursos sociais que o contexto oferece, posto que tal perspectiva não arriscaria englobar de modo inflacionário tudo o que nos rodeia, deixando-nos sem nenhuma pista dos limites entre mente e mundo. Trata-se de uma concepção enativa, justamente porque estamos nos referindo a instituições e recursos que possibilitam, constituem e mantêm a ação humana. As "instituições mentais", nesse sentido, seriam instituições sociais sem as quais processos cognitivos não existiriam.

Essa primazia do social seria justificada na premissa de que "cognição é qualquer interação ou engajamento que produz significado para o agente, enquanto a produção de significado não é apenas um empreendimento individual" (Gallagher, 2013b, p. 5). Ademais, cognição também seria, nessa perspectiva, um "engajamento enativo e emocionalmente incorporado com o mundo" (Gallagher, 2013b, p. 8), exatamente por meio das mencionadas instituições mentais. Gallagher (2013a, p. 3) propõe, com esse fim, uma "teoria de padrões do *self*" (*pattern theory of self*), que contempla as seguintes dimensões: aspectos corporificados mínimos, aspectos experienciais mínimos, aspectos afetivos, aspectos intersubjetivos, aspectos psicológicos e cognitivos, aspectos narrativos, aspectos estendidos (no sentido do que "sentimos" como "nossas propriedades") e aspectos situacionais.

Essa imagem de um *self* ecológico e multifacetado, portanto, mostra que a proposta dos *selves* híbridos absorve mais naturalmente o

papel do corpo e do mundo, bem como a instituição do conhecimento a partir dessa tríade. As propostas e investigações aqui articuladas apontam, em outras palavras, que temos boas razões para conceber tais *selves* ecológicos, social e culturalmente distribuídos e estendidos, como produtos naturais do desenvolvimento dos seres humanos a partir do *self* mínimo e de todo o acoplamento em um sistema mais amplo que mantém e promove essa construção, produtos esses que denominamos aqui, conforme mencionado, de *selves* híbridos.

Considerações finais

A proposta ecológica do *self*, portanto, conforme apresentada inicialmente por Clark (2007), parece ser compatível com a perspectiva de uma mente preditiva justamente porque, na atividade de elaborar dados preditivos sobre suas interações, o organismo formaria "hierarquias paralelas de processamento", sendo uma, mais especificamente, direcionada para os dados acerca do mundo e outra direcionada para seu próprio funcionamento "interno", o que igualmente conduz à noção do automodelo.

Essa imagem acerca do *self* permanece convergindo com o que Clark (2003) denominou como "*self* suave", posto que, sendo derivada do arcabouço da tese da mente estendida abordado até então, trata-se de uma concepção de *self* mais permeável e flexível. São essas premissas que Albert Newen (2018, p. 1) ressalta, por exemplo, ao dizer que "modelar a si mesmo é um processo que sempre é ativado quando se interage com o mundo – assim como uma sombra está presente quando uma pessoa caminha no sol". Por isso, se não há fronteiras rígidas entre a cognição e o mundo, precisamos também formular uma nova epistemologia para as Ciências Cognitivas.

De qualquer forma, uma possível objeção neste momento seria a de que um "automodelo" refletiria necessariamente uma perspectiva representacionista da mente. Nesse sentido, ainda que Clark (1990) tenha defendido que a mente poderia se basear em sistemas que operariam por meio de "representações parciais" ou

"microrrepresentações", seus argumentos mais recentes (Clark, 2016; Stroparo, 2021), pautados na noção de uma mente preditiva, seguem uma linha similar. Afinal, é possível argumentar que, nessa imagem contemporânea da mente, temos um funcionamento tanto "representacional" quanto "dinâmico", sem que isso altere o argumento de que o *self* é naturalmente diluído com o corpo e o mundo.

Outros autores como Constant, Clark e Friston (2020), por sua vez, argumentam que a mente preditiva, se fundamentada por meio da denominada "inferência ativa" (*active inference*), opera via processos que, ainda que não se reduzam a representações, pelo menos as manipulam, o que lhes confere o estatuto de "representacional". No que se refere à parcela "dinâmica", por sua vez, trata-se de mecanismos cujo "caminho" é dinâmico, na medida em que "requer apenas o processamento de 'algo como fazer', de modo que o 'fazer' [...] seja diretamente condicionado ao 'algo' (por exemplo, observação sensorial)" (Constant; Clark; Friston, 2020, p. 7). Segundo eles, então, a inferência ativa é basicamente o nome concedido ao processo em que o cérebro constrói modelos generativos do mundo, ou seja, modelos causais.

Ademais, se integrarmos as perspectivas da mente estendida de Clark com o *self* autobiográfico de Heersmink, enfim teremos um arcabouço conceitual que se assemelha ao proposto por Gallagher, na medida em que incluem as dimensões por ele sinalizadas. Ainda, se tomarmos que as manifestações do *self* – ou, então, a identificação de um *self* em um dado momento, bem como a identidade pessoal do mesmo agente – são flexíveis e modeladas continuamente tanto pelo agente quanto pelo mundo, então entenderemos também que nenhuma de suas diversas dimensões pode ser reduzida a outras. Ainda que tais pesquisas sejam recentes e a demanda por debate e investigação seja evidente, vemos a partir destas elaborações o processo de *hibridização* do *self*. Ou seja, o *self* que emerge da perspectiva da mente estendida parece ser necessariamente um "*self* híbrido", posto que é

constituído das diversas dimensões e camadas aqui referidas.

Assim, se o *self* não é um fenômeno puramente biológico e cerebral, como buscamos mostrar, precisamos reavaliar as consequências desse argumento ao alcance das pesquisas produzidas pelas Ciências Cognitivas, particularmente aquelas que já passam a tratá-lo como uma entidade relacional, estendida e distribuída. Uma problemática emergente se refere à Neuroética, já que, como Heersmink (2017) ressalta, se mente e *self* são constituídos por elementos externos, então é necessário refletir sobre o que viola ou o que preserva a mente e o *self* dos agentes no mundo. E uma primeira vantagem desta nova leitura, portanto, é que a tese da mente preditiva permite solucionar problemas derivados da percepção como, por exemplo, o dilema acerca da capacidade do cérebro em selecionar, dentre inúmeras probabilidades, as ações e crenças mais precisas em relação às causas das diversas situações com as quais se depara e interage. Essa posição, por sua vez, torna ainda mais evidente a afirmação de Heersmink (2021b) de que nosso sucesso como espécie particularmente depende de nossa capacidade de modificar o ambiente e criar e usar artefatos.

Referências

- ADAMS, Fred. Extended Cognition meets epistemology. **Philosophical Explorations**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 107-119, 2012.
- ASADA, Minoru. Proprioception and body schema. In: PRESCOTT, Tony J.; LEPORA, Nathan; VERSCHURE, Paul F. M. J. (ed.). **Living Machines: a handbook of research in biomimetic and biohybrid systems**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 168-175.
- CLARK, Andy. Connectionist Minds. **Proceedings of the Aristotelian Society**, [S. l.], v. 90, n. 1, p. 83-102, 1990.
- CLARK, Andy. **Being there**: putting brain, body and world together again. 2th ed. Cambridge: The MIT Press, 1997.
- CLARK, Andy. Embodiment and the Philosophy of Mind. In: O'HEAR, Anthony (ed.). **Current Issues in Philosophy of Mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 35-52.
- CLARK, Andy. **Natural-born cyborgs**: Minds, technologies, and the future of human intelligence. New York: Oxford University Press, 2003.
- CLARK, Andy. Soft selves and ecological control. In: ROSS, David; SPURRETT, David; KINCAID, Harold; STEPHENS, G. Lynn. **Distributed cognition and the will: individual volition and social context**. Cambridge: The MIT Press, 2007. p. 101-122..
- CLARK, Andy. **Supersizing the mind**: embodiment, action, and cognitive extension. New York: Oxford University Press, 2008.
- CLARK, Andy. **Surfing uncertainty**: prediction, action, and the embodied mind. New York: Oxford University Press, 2016.
- CLARK, Andy; CHALMERS, David. The Extended Mind. **Analysis**, [S. l.], v. 58, n. 1, p. 7-19, 1998.
- CONSTANT, Axel; CLARK, Andy; FRISTON, Karl J. Representation wars: enacting an armistice through active inference. **Frontiers in Psychology**, [S. l.], v. 11, n. 598733, p. 1-14, 2020.
- DAMÁSIO, António. **O Mistério da Consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GALLAGHER, Shaun. A pattern theory of self. **Frontiers in Human Neuroscience**, [S. l.], v. 7, n. 443, p. 1-7, 2013a.
- GALLAGHER, Shaun. Philosophical conceptions of the self: implications for cognitive science. **Trends in Cognitive Science**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 14-21, 2000.
- GALLAGHER, Shaun. The extended mind: state of the question. **The Southern Journal of Philosophy**, [S. l.], v. 56, n. 4, p. 421-447, 2018.
- GALLAGHER, Shaun. The socially extended mind. **Cognitive Systems Research**, [S. l.], v. 25, p. 4-12, 2013b.
- GALLAGHER, Shaun. **Action and Interaction**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- HEERSMINK, Richard. Distributed selves: personal identity and extended memory systems. **Synthese**, [S. l.], v. 194, p. 3135-3151, 2017.
- HEERSMINK, Richard. Materialised identities: cultural identities, collective memory, and artifacts. **Review of Philosophy and Psychology**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 249-265, 2021a.
- HEERSMINK, Richard. The narrative self, distributed memory, and evocative objects. **Philosophical Studies**, [S. l.], v. 175, p. 1829-1849, 2018.
- HEERSMINK, Richard. Varieties of Artifacts: Embodied, Perceptual, Cognitive, and Affective. **Topics in Cognitive Science**, [S. l.], v. 4, p. 1-24, 2021b.
- HEERSMINK, Richard. Varieties of the extended self. **Consciousness and Cognition**, [S. l.], v. 85, n. 103001, p. 1-12, 2020.
- ISMAEL, Jennan T. **The Situated Self**. New York: Oxford University Press, 2007.
- KIRCHHOFF, Michael D.; KIVERSTEIN, Julian. **Extended consciousness and predictive processing**: a third-wave view. New York: Routledge, 2019.

MARAVITA, Angelo; IRIKI, Atsushi. Tools for the body (schema). **Trends in Cognitive Sciences**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 79-86, 2004.

MARTIN, Raymond; BARRESI, John. **Naturalization of the Soul: Self and Personal Identity in the Eighteenth Century**. London; New York: Routledge, 2002.

MILLER, Mark; NAVE, Kathryn; DEANE, George; CLARK, Andy. The value of uncertainty. **Aeon**, 25 set. 2020. Disponível em: <https://aeon.co/essays/use-uncertainty-to-leverage-the-power-of-your-predictive-brain>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NEWEN, Albert. The embodied self, the pattern theory of self, and the predictive mind. **Frontiers in Psychology**, [S. l.], v. 9, n. 2270, p. 1-14, 2018.

O'HEAR, Anthony (ed.). **Current Issues in Philosophy of Mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

PERUZZO JÚNIOR, Léo. Intentionality, Conceptual Content, and Emotions. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 31, n. 54, p. 833-847, 2019.

PERUZZO JÚNIOR, Léo; CANDIOTTO, Kleber; KARASINSKI, Murilo (org.). **Tendências Contemporâneas de Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas**. Curitiba: PUCPress, 2023.

SCHECHTMAN, Marya. **Staying alive: personal identity, practical concerns, and the unity of a life**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SCHECHTMAN, Marya. The truth about memory. **Philosophical Psychology**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 3-18, 1994.

STRAWSON, Peter F. **Freedom and Resentment and Other Essays**. London: Routledge, 2008.

STRAWSON, Peter F. **Individuals: Essay of Descriptive Metaphysics**. London: Routledge, 1996.

STROPARO, Amanda Luiza. Andy Clark: a mente que se mistura ao corpo e ao mundo. *In*: PERUZZO JÚNIOR, Léo; CANDIOTTO, Kleber; KARASINSKI, Murilo (org.). **Tendências Contemporâneas de Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas**. Curitiba: PUCPress, 2023. p. 315-328.

STROPARO, Amanda Luiza. **Mente, Mundo e Ciborgues Naturais: Andy Clark para além do cérebro**. Curitiba: Appris, 2021.

Léo Peruzzo Júnior

Pós-Doutor em Filosofia pela Università Ca' Foscari, Venezia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e do Departamento de Filosofia da FAE.

Amanda Luiza Stroparo

Doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduada em Psicologia e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Endereço para correspondência

LÉO PERUZZO JÚNIOR

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prado Velho, 80215-182

Curitiba, PR, Brasil

AMANDA LUIZA STROPARO

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prado Velho, 80215-182

Curitiba, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.